

## A Ajuda Mútua e a crítica ao darwinismo social

Rafael Florêncio dos Santos – e-mail: rclash@gmail.com.

*O termo, que se originou da estreita concepção malthusiana –  
de competição de indivíduo contra todos os outros –,  
perdeu assim sua estreiteza  
na visão de alguém que conhecia a Natureza.  
Piotr Kropotkin, A Ajuda Mútua*

A *Ajuda Mútua*<sup>1</sup> é o livro publicado por Kropotkin quando se encontrava exilado em Londres, lançado em 1902, e a sistematização da crítica ao darwinismo social que esses geógrafos esboçavam coletivamente. Podemos dizer que essa crítica é uma metacrítica da obra de Darwin, já que sua crítica não era direta ao método, mas os resultados quais os discípulos de Darwin, como Thomas Henry Huxley (1825 – 1895), conhecido como “O Buldogue de Darwin”, e Herbert Spencer (1820 – 1903) em sua sociologia, afirmavam com “sobrevivência do mais apto”<sup>2</sup>.

“Por isso julguei que um livro sobre Ajuda mútua como lei da Natureza e fator de evolução preencheria uma lacuna importante. Em 1888, quando Huxley publicou seu manifesto da “Luta pela vida” (Struggle for Existence and its Bearing upon Man) que, a meu ver, foi uma representação muito incorreta dos fatos da Natureza como são vistos nas matas e florestas, comuniquei-me com o editor da Nineteenth Century, perguntando-lhe se me daria a honra de uma leitura crítica e uma resposta minuciosa às opiniões de um dos mais ilustres darwinistas da época. James Knowles acolheu a proposta com a maior boa vontade. Também falei a respeito com W. Bates. “Sim, claro; isso é darwinismo autêntico”, foi sua resposta. “É horrível o

---

<sup>1</sup> “Os diferentes capítulos deste livro foram publicados na Nineteenth Century. (“Ajuda mútua entre os animais” saiu em setembro e novembro de 1890; “Ajuda mútua entre os selvagens”, em abril de 1891; “Ajuda mútua entre os bárbaros”, em janeiro de 1892; “Ajuda mútua na cidade medieval”, em agosto e setembro de 1894; e “Ajuda mútua nas sociedades contemporâneas”, em janeiro e junho de 1896).” (KROPOTKIN, 2009, pg. 18)

<sup>2</sup> Sobre a filosofia sintética de Spencer: “Ainda que reconhecendo o notável serviço que ele prestou ao pensamento moderno, seria um funesto erro determo-nos na admiração por essa obra a ponto de julgar que ela contenha realmente ao homem, individual e socialmente considerado. A ideia fundamental da filosofia de Spencer é mais do que justa. Por diversas causas, algumas das quais expusemos, essa filosofia, na suas variadas aplicações, foi truncada múltiplas vezes. Outras causas, como a aplicação do método vicioso das analogias, e, sobretudo, a exageração do conceito de luta pela existência entre indivíduos da mesma espécie e a pouca atenção dada a um outro fator ativo da natureza, a ajuda mútua, foram enumeradas, ainda que sucintamente, nesta nossa crítica” (KROPOTKIN, 1964, pg.73)

que ‘eles’ fizeram com Darwin. Redija esses artigos e, quando estiverem impressos, vou lhe escrever uma carta que poderá publicar.” Infelizmente, levei quase sete anos para escrever esses artigos e, quando o último foi publicado, Bates não vivia mais.” (KROPOTKIN, 2009, pg.15)

Como já foi dito, para Kropotkin, é o método indutivo nomotético o método o qual todos os ramos do conhecimento, como a filosofia, a biologia e sociologia, deveriam aplicar a sua análise. Sua crítica se dá em relação a interpretação feita da obra de Darwin, e não ao método. Inicia assim a defesa da obra desse autor<sup>3</sup>, destacando o uso metafórico da expressão “luta pela sobrevivência” em detrimento ao uso estrito dessa metáfora<sup>4</sup> para ilustrar o “estado de natureza” dos indivíduos.

“Embora estivesse usando o termo em seu sentido estrito, principalmente tendo em vista seus objetivos específicos, ele alertou seus seguidores para que não cometessem o erro (que ele próprio parece ter cometido um dia) de superestimar esse sentido. Em *A origem do homem*, Darwin escreveu algumas páginas memoráveis para ilustrar seu sentido próprio, o sentido amplo. Observou que, em inúmeras sociedades animais, a luta entre indivíduos pelos meios de subsistência desaparece, que essa luta é substituída pela cooperação e que essa substituição resulta no desenvolvimento de faculdades intelectuais e morais que assegura à espécie as melhores condições de sobrevivência. Ele sugeriu que, nesses casos, os mais aptos não são os mais fortes fisicamente, nem os mais astuciosos, e sim aqueles que aprendem a se associar de modo a se apoiarem mutuamente, fossem fortes ou fracos, pelo bem-estar da comunidade. “Aqueles comunidades”, escreveu ele, “que possuíam o maior número de membros mais cooperativos seriam as que melhor floresceriam e deixariam a prole mais numerosa” (2.a ed. inglesa, p. 163). (KROPOTKIN, 2009, pg. 20)

Kropotkin reflete sobre a terminologia utilizada por Darwin em sua teoria, com exemplos cheios de embates gladiatórios, e que aparece como suporte a aqueles que seguem a filosofia de Hobbes, constituindo um argumento científico em relação ao homem primitivo e seu estado natural da “guerra de todos contra todos”. “Aconteceu com a teoria de Darwin o que sempre acontece com teorias que exercem qualquer

---

<sup>4</sup> “E, logo no início dessa obra memorável, ele insistiu para que o termo fosse compreendido em seu “sentido amplo e metafórico, que incluía a interdependência entre os seres e (o que é mais importante ainda) não apenas a vida do indivíduo, mas também sua capacidade de deixar descendentes””. (KROPOTKIN, 2009, pg. 19)

influência sobre as relações humanas” (KROPOTKIN), e nesse contexto, Huxley é o representante dessa escola.

“Como se sabe, Huxley foi o fundador dessa escola. Num artigo escrito em 1888, ele representou os homens primitivos como se fossem tigres ou leões, destituídos de quaisquer concepções éticas, levando a luta pela sobrevivência a seu mais amargo fim e vivendo uma “contínua luta livre”. Segundo ele, “além das relações limitadas e temporárias da família, a guerra hobbesiana de cada um contra todos era a condição normal da vida””. (KROPOTKIN, 2009, pg. 73)

Darwin sempre admitiu a inspiração que a teoria de Malthus havia lhe proporcionado em sua obra. A crítica que Kropotkin esboça, é o uso dessa ideia que para Darwin se colocava como metáfora, e de quando ela perdeu seu sentido filosófico para ser aplicado qualitativamente as sociedades humanas. Tolstoi taxou Malthus pela sua “mediocridade maliciosa”, e não foi o único. A obra de Darwin foi plenamente aceita pela comunidade científica russa, mas não sem ressalvas.

O primeiro a abordar o argumento da Ajuda Mútua como principal fator de evolução foi o zoólogo russo Karl Fiódorovich Kessler (1815 – 1881)<sup>5</sup>, reitor da universidade de São Petersburgo, em uma palestra proferida em 1880 para naturalistas russos poucos meses antes de sua morte. Kessler afirmava a existência da luta pela sobrevivência, mas a negava como o motor da evolução das espécies<sup>6</sup>, a qual ilustrou com diversos exemplos do reino animal.

---

<sup>5</sup> Entretanto, se faço menção especial ao discurso de Kessler, é porque ele alçou a ajuda mútua à altura de uma lei, muito mais importante na evolução do que a lei da luta de todos contra todos. As mesmas ideias foram apresentadas no ano seguinte (em abril de 1881) por J. de Lanessan, em uma conferência publicada em 1882 sob o título *La lutte pour l'existence et l'évolution des sociétés* [Paris, Félix Alcan, 1903]. *Animal Intelligence*, obra importante de G. Romanes, foi publicada em 1882, acompanhada, no ano seguinte, de *Mental Evolution in Animals* [Nova York, Penguin, 1883]. Mais ou menos na mesma época (1883), Büchner publicou outro trabalho, *Liebe und Liebes-Leben in der Thierwelt*, cuja segunda edição, ampliada, apareceu em 1885. Como se vê, a ideia estava no ar. Outros autores citados por Kropotkin que antecederam Darwin; “Menciono as de Houzeau, *Les facultés mentales des animaux*, 2 vols., Bruxelas, 1872; L. Büchner, *Aus dem Geistesleben der Thiere*, editado em 1877, e Maximilian Perty, *Über das Seelenleben der Thiere*, Leipzig, 1876” (KROPOTKIN, 2009, pg. 37)

<sup>6</sup> “É óbvio que não nego a luta pela sobrevivência, mas sustento que o desenvolvimento progressivo do reino animal, e principalmente da humanidade, é muito mais favorecido pela ajuda mútua do que pela luta de todos contra todos. [...] Todos os seres vivos têm duas necessidades essenciais: a nutrição e a propagação da espécie. A primeira leva-os à guerra e ao extermínio mútuo, ao passo que a segunda faz com que se aproximem e se apoiem mutuamente. Mas estou inclinado a pensar que, na evolução do

Em um país de proporções continentais como a Rússia as dificuldades de ocupação do território eram imensas, essas exposições foram aceitas com naturalidade pela comunidade científica russa, que realizava seus estudos em áreas como o norte da Ásia e leste da Rússia.

“Eu mesmo me lembro da impressão que o mundo animal da Sibéria produziu em mim, quando explorei as regiões do Vitim em companhia de um zoólogo talentoso, o meu amigo Poliakov. Ambos estávamos sob o impacto recente do livro *A origem das espécies*, mas procuramos em vão pela feroz competição entre animais da mesma espécie que a obra de Darwin nos fez esperar, levando em conta até as observações do terceiro capítulo (p.54). Vimos diversas adaptações para a luta – muito frequentemente em comum – contra as adversidades do clima ou vários inimigos, e Poliakov escreveu belas páginas sobre a dependência mútua de carnívoros, ruminantes e roedores nas regiões por onde se distribuía; testemunhamos numerosos casos de ajuda mútua, principalmente durante as migrações de pássaros e de ruminantes; no entanto, mesmo nas regiões do Amur e do Usuri, onde a vida animal parece fervilhar, tal a sua abundância, muito raramente observei casos reais de competição e de luta entre animais superiores da mesma espécie, embora eu tivesse procurado ansiosamente por elas. Os trabalhos da maioria dos zoólogos russos dão a mesma impressão, e isso provavelmente explica por que as ideias de Kessler foram tão bem aceitas pelos darwinistas russos, ao passo que ideias semelhantes não estão em voga entre os seguidores de Darwin na Europa Ocidental.” (KROPOTKIN, 2009, pg.24)

Como destaca Kropotkin, essa ideia era aceita por diversos cientistas russos, e suas discussões com Metchnikoff e Reclus faziam parte de uma discussão levada pela comunidade científica russa. Além de o próprio Kropotkin inicialmente ter ido a campo disposto a encontrar as relações de competição como fator decisivo da sobrevivência da espécie, e que foram implodidas pelo seu empirismo naturalista. Vale lembrar também que as regiões visitadas por Darwin eram tropicais e subtropicais, abundantes em espécies em sua conformidade latitudinal, enquanto na Rússia prevalecem condições climáticas muito diferentes e pouco amistosas de climas temperados e semi-glaciais.

---

mundo orgânico – na modificação progressiva dos seres orgânicos –, a ajuda mútua desempenha um papel muito mais importante do que a luta entre indivíduos.” Fala proferida pelo Prof. Kessler, in *Memórias (Trudy) da Sociedade de Naturalistas de São Petersburgo, vol. XI, 1880.* apud (KROPOTKIN, 2009, pg. 38)

As expedições a Manchúria que Kropotkin participou em sua juventude, ele menciona o esforço pela ocupação territorial das margens do Rio Amur, recém-anexado pela Rússia, realizado pelo governo russo. Como a região era praticamente inabitada, a tática utilizada pelo Governador Geral da Sibéria Oriental foi a de libertar diversos presos a fim de se quê fixassem nesse lugar, conforme já mencionado no capítulo 1, devido a escassez populacional dessa região a ser mobilizada, situação adversa a qual passou a Inglaterra, que inspirou Malthus a estabelecer a relação entre o crescimento populacional e a disputa por recursos do meio.

A concepção de Malthus seguia o mesmo pensamento de autores como Hobbes e Smith, partidários da guerra perpétua de todos contra todos. A disputa crescente de uma população pelos recursos do lugar não deixava passar despercebido sua relação junto à ética protestante então identificada como uma qualidade britânica pelos russos, e o local usado como inspiração para sua teoria. Um território delimitado, literalmente uma ilha, onde o exército de mão de obra reserva já estava formado, disputando recursos escassos.

“Estes acabaram por conceber o mundo animal como um mundo de perpétua luta entre indivíduos semifamintos e sedentos do sangue uns dos outros. Fizeram a literatura moderna ressoar com o grito de guerra de “ai dos vencidos”, como se esta fosse a última palavra da biologia moderna. Elevaram a luta impiedosa por vantagens pessoais à condição de um princípio biológico ao qual também o homem deve se submeter, sob a ameaça de, caso contrário, sucumbir em um mundo baseado no extermínio mútuo. Deixando de lado os economistas, cujo conhecimento da ciência natural se resume a umas poucas palavras de segunda mão, devemos reconhecer que mesmo os mais respeitados defensores do ponto de vista de Darwin se empenharam ao máximo para preservar aquelas falsas ideias.”  
(KROPOTKIN, 2009, pg. 21)

A luta pela sobrevivência para Kropotkin possui implicações opostas; a primeira, organismo contra organismo de uma mesma espécie disputando recursos limitados levando a rivalidade e competição, segundo, organismo contra meio ambiente, levando a cooperação. E é essa a característica determinante da evolução. Entre os mais variados exemplos que Kropotkin oferece da cooperação no reino animal, podemos citar o das formigas:

“Nessa imensa divisão do reino animal, que engloba mais de mil espécies e é tão numerosa que os brasileiros dizem que o Brasil pertence às formigas, e não aos homens, não existe competição entre os membros do mesmo formigueiro ou da mesma colônia. Por mais terríveis que sejam as guerras entre espécies diferentes, e quaisquer que sejam as atrocidades cometidas nessas circunstâncias, a ajuda mútua dentro da comunidade, a abnegação mútua tornada hábito e, muito frequentemente, o autossacrifício pelo bem comum são a regra. As formigas e as térmitas renunciaram à “guerra hobbesiana” e passam muito bem, obrigado. Seus ninhos maravilhosos, suas construções – superiores em tamanho relativo às do homem –, suas estradas pavimentadas e galerias subterrâneas de superfícies abobadadas, seus espaçosos salões e celeiros, seus campos de cereais, suas colheitas e sua “maltagem” de grãos, seus métodos racionais de cuidar dos ovos e larvas e de construir ninhos especiais para se protegerem dos pulgões – que Lineu descreveu tão pitorescamente como “as vacas das formigas”– e, finalmente, sua coragem, garra e inteligência superior, tudo isso é o resultado natural da ajuda mútua que esses insetos praticam em todas as fases de suas vidas laboriosas e diligentes.” (KROPOTKIN, 2009, pg.27)

E não priva as formigas de sua face guerreira, ao afirmar que a força do formigueiro reside na coletividade. A formiga não possui uma carapaça protetora como um animal individual, sua cor não se camufla na floresta. Seus ovos são iguarias para diversos animais, e sua picada quando única, não oferece perigo a outros animais. Ao citar o exemplo de Forel, que ao esvaziar um saco de formigas em um arbusto com diversas outras espécies de insetos e animais, observa grilos, gafanhotos, besouros, aranhas e até ninhos de vespas serem abandonados diante o ataque coletivo, comenta:

“E se as formigas – sem contar o desenvolvimento ainda superior das térmitas – está no topo de toda a classe dos insetos por suas capacidades intelectuais, se sua coragem só é igualada pela dos vertebrados mais corajosos e se seu cérebro – usando palavras de Darwin – “é um dos átomos de matéria mais maravilhosos do mundo, talvez mais ainda do que o cérebro humano”, isso não se deveria ao fato de a ajuda mútua ter tomado inteiramente o lugar da luta de todos contra todos em suas comunidades? “(KROPOTKIN, 2009, pg.28)

Seu argumento começa a ser construído baseado nas observações das relações de ajuda mútua entre os animais<sup>7</sup>, não sem deixar de atribuir qualidades humanas ao

---

<sup>7</sup> “A primeira coisa que nos impressiona quando começamos a estudar a luta pela sobrevivência em ambos os seus aspectos – o literal e o metafórico – é a abundância de casos de ajuda mútua, não apenas para criar a prole, como reconhece a maioria dos evolucionistas, mas também para a segurança do indivíduo e para sua provisão do alimento necessário. A ajuda mútua é a regra em muitas das grandes divisões do reino animal. Existe realmente entre os animais inferiores, e devemos estar preparados para

reino animal e vice-versa. Da construção do conceito de associação entre as mais diversas espécies presentes no reino animal, esse conceito deriva para um estado natural. Esse estado natural se edifica junto a história humana, seguindo uma linha evolutiva, nos moldes naturalistas, entre os primórdios da sociedade, dos selvagens aos bárbaros a cidade medieval e assim, na sociedade moderna contemporânea, a fim de criticar a concepção da “guerra de todos contra todos”.

#### Bibliografia

KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch. L'Etat: son role historique. Les Temps Nouveaux. Paris,(1897). O Estado e seu papel histórico. São Paulo. Nu-Sol: Imaginário, 2000.

KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch. Memoirs of a Revolutionist. Houghton, Mifflin, (1899). Em torno de uma vida, memórias de um revolucionário. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1946.

KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch. Modern Science and Anarchism. Londres, 1903. A questão social: o humanismo libertário em face da ciência. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1964.

KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch. Mutual Aid : a Factor of Evolution. Heinemann, Londres, 1902. Ajuda mútua: um fator de evolução. São Sebastião, A Senhora Editora, 2009.

---

um dia descobrir, com os estudiosos da microbiologia, casos de ajuda mútua inconsciente até mesmo na vida de microrganismos.” (KROPOTKIN, 2009, pg. 24)